

OLHARES CRUZADOS: TRAÇOS QUE FAZEM A HISTÓRIA: DIALOGANDO COM MARILDA CASTANHA E JÔ OLIVEIRA

Adriana Falcato Almeida Araldo¹

O questionamento de Alice, a menina que já completou 150 anos, eterna garota curiosa e sonhadora do País das Maravilhas, sempre à frente de seu tempo, aborrecida ao folhear um livro sem figuras, serve a reflexões atuais sobre a ilustração do livro para crianças: “e de que serve um livro sem figuras nem diálogos?”. Essa indagação desperta especial atenção daqueles que se interessam pelas relações entre palavra e imagem, pela transposição de uma linguagem para outra, pelas conexões intersemióticas.

Tal questão encontra terreno fértil no âmbito dos estudos que envolvem literatura infantil/juvenil e suas relações com outras linguagens. Espaço em que torna pertinente dizer que a imagem consolidou-se e que, hoje, vive-se numa cultura extremamente visual, dominada por imagens nos mais diversos suportes. E não poderia ser diferente com o livro destinado ao público jovem: novos livros para crianças buscam o lúdico, a poesia, a sensibilidade estética e, fugindo do didatismo, apelam para estratégias que intencionam desautomatizar o olhar, investindo no projeto gráfico, dialogando com outros códigos, apresentando novos formatos e ilustrações ousadas inseridas em enquadramentos que exploram recursos oriundos da fotografia, do cinema, das artes plásticas, dos quadrinhos. Imagens associadas às palavras, ou não, prenes de significados, narram histórias e materializam ideias trazendo novas possibilidades de leitura, reforçando o pensamento que entende a Literatura Infantil/Juvenil como o lugar em que acontecem grandes inovações no uso das linguagens. Mas o público de hoje está mais preparado para ler imagens?

1 Mestre em Letras pela USP. Membro do Grupo de Estudos PLCCJ Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens da Universidade de São Paulo.

Marilda Castanha diria sim e não. Segundo a autora e ilustradora, “ler imagens todo mundo lê. Lemos imagens sempre e o tempo todo. Uma criança, enquanto bebê, já lê o rosto da mãe. A leitura escrita, por exemplo, é também uma leitura de imagens”. Para a ilustradora, a questão mais importante a ser levada em conta com relação à leitura de imagens é saber: “eu me aproprio dessa leitura de imagens para dar a elas significado?” Esta é a real complexidade no entender de Marilda Castanha: “Ler e estabelecer outras ligações, outros sentidos e relações são processos a serem aperfeiçoados à medida que vamos lidando com a vida. A leitura pode ser intuitiva. Mas também pode ser aprendida”. A artista vê a leitura de imagens como um processo, um exercício contínuo. E mostra-se entusiasmada: “Sinto que hoje existe um interesse crescente pela compreensão deste processo de leitura de imagens, que, vale a pena lembrar, aprendemos e apreendemos, na maioria das vezes de forma intuitiva e natural”.



Figura 1

Jô Oliveira, autor, ilustrador, quadrinista e artista gráfico, vê a interpretação de imagens como um “processo amplo, pois oferece vários caminhos, já que explorando os detalhes, é possível sempre encontrar outros significados”. Ele ressalta que a ilustração “aproxima a criança do universo das artes plásticas pela variedade de estilos dos ilustradores”.

Dialogam, aqui, dois artistas que, explorando a capacidade narrativa das imagens, construíram suas trajetórias também por meio das temáticas afro-brasileiras e indígenas. De Belo Horizonte, Minas Gerais, chegam as cores quentes, as cores das matas, da terra e os traços *aparentemente* simples de Marilda Castanha, os quais ao sugerirem complexidade de ideias tornam-se capazes de desconstruir histórias mal contadas do país, como se pode ver em *Pindorama*, terra das

Palmeiras, livro publicado pela editora Cosac e Naify.

Da Ilha de Itamaracá, Pernambuco, Jô Oliveira, traz para a literatura infantil/juvenil retratos da cultura popular brasileira e representações que revelam seu apego às tradições; sentimento que se traduz na escolha das cores,

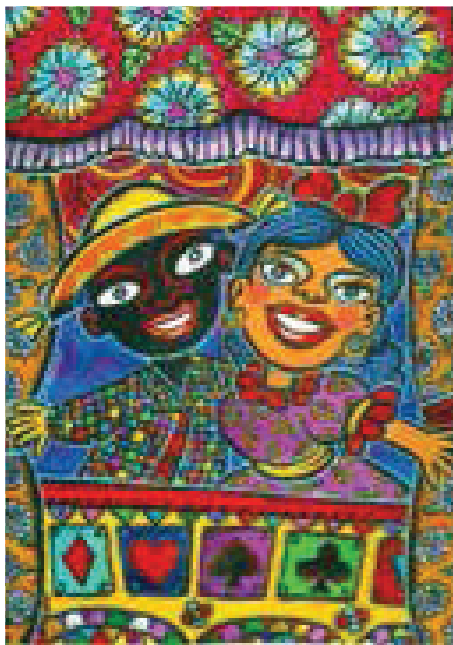


Figura 2

nos traçados, nas linhas expressivas, presentes nas festividades nacionais, no mamulengo, no bumba meu boi, nos bonecos do Vitalino, enfim, nas diversas manifestações folclóricas. Apresenta também os contornos bem marcados que deixam evidentes costumes e heranças cultivados em solo africano, como em *A Árvore dos Gingongos*, texto da angolana Maria Celestina Fernandes, lançado pela editora DCL.

As trocas de ideias apresentadas fazem revelar significativas nuances acerca do livro ilustrado para crianças e jovens: relações entre palavra e imagem, a leitura de imagens, temáticas culturais,

afro-brasileiras e indígenas em sala de aula, recursos e técnicas de composição, dentre outras questões igualmente importantes. Por meio desse diálogo e dessas experiências, torna-se possível percorrer linhas que vão desenhando e iluminando a realidade, realidade que vai sendo traduzida em arte pelas mãos desses dois ilustradores, os quais contribuem colorindo e tornando mais visíveis pontos importantes da história, embaçados no decorrer dos tempos. E assim, ao final, talvez fique mais fácil responder às questões de Alice.

1- Jô Oliveira, você acha que o público de hoje está mais preparado para ler imagens?

Jô Oliveira- Na minha infância, no interior do Nordeste, o acesso a imagens

era muito escasso. Havia uma carência tão grande que muitas pessoas costumavam decorar as paredes da sala com fotos impressas, recortadas da revista *O Cruzeiro*. Ao contrário dos dias de hoje, em que presenciamos uma invasão diária de imagens em todos os espaços públicos, tempos em que a televisão permanece ligada o dia todo dentro das residências. Acredito que, atualmente, seja bem mais fácil a leitura e a compreensão da iconografia. Embora a banalização da imagem possa levar a certa indiferença pela sua interpretação, há muitos estímulos para que a pessoa desenvolva a sensibilidade para compreender melhor as mensagens assim transmitidas.

2-Marilda Castanha, o que falta para chegarmos a uma leitura de imagens “ideal”? O que é ler imagens?

Marilda Castanha- Ler imagens é decifrar códigos: cores, traços, composições que carregam significados e que são usados para contar uma história. Costumo dizer que o texto escrito, importantíssimo, foi tomando, ao longo do tempo, tanto espaço na comunicação, na vida diária, que a imagem foi se enfraquecendo em termos de significado. “Quanto mais nos alfabetizamos pela escrita, mais nos “desalfabetizamos” pela imagem. Até que se chega à compreensão, como hoje, de que as duas são necessárias. O importante em todo o processo de alfabetização das crianças é: ao se trabalhar o texto, não deixar de lado o seu vínculo com as imagens. É preciso aprender a ler as entrelinhas da imagem, assim como se deve ler as entrelinhas do texto. Tudo o que encontramos no texto poético também está presente no texto de imagem: metáforas, figuras de linguagem... Então, descobrir com as crianças e, ou adultos, as metáforas de uma imagem, é fantástico! Isso é leitura de imagens. Ler imagens nada mais é do que tornar-se um observador e autor da leitura que se realiza.

3- Em sua opinião, Jô Oliveira, o que pode ter contribuído para a grande transformação na arte de se pensar o livro para crianças e jovens?

Jô Oliveira- Os livros vêm evoluindo com o desenvolvimento das técnicas de ilustração, com o amadurecimento dos escritores em relação às teorias literárias, com a sofisticação da demanda dos jovens (cada vez mais bem informados e exigentes) e com o próprio desenvolvimento industrial, que

permite a produção de livros de alta qualidade. Além disso, o desenvolvimento da psicologia e das teorias educacionais também interferiu para que os livros fossem tomando novas feições, mais lúdicas e menos pedagogizantes. O livro infantil chegou a esse nível de transformação graças ao longo caminho percorrido desde que foi criado, considerando que o livro infantil nasceu no século XIX na Inglaterra, em plena revolução industrial. Os contos de fadas originalmente não eram livros infantis. O incremento da leitura e o inquestionável reconhecimento do livro infantil ficcional nos nossos dias foi, sem dúvida, o principal fator na transformação da arte de criar e pensar a literatura ilustrada para jovens.

4- Qual o papel do ilustrador nesse complexo processo de produção de significados e de leitura de imagens, Marilda Castanha?

Marilda Castanha- O ilustrador é um autor de imagens. E esta afirmação não pressupõe que a autoria de imagens é exclusiva do ilustrador, de forma alguma, e sim que o ilustrador “materializa” as imagens. Eu vejo a ilustração também como comunicação. O próprio ilustrador, hoje, contribui para esse processo uma vez que não utiliza mais da imagem como mero enfeite. Ilustrar não é um trabalho didático ou de ornamentos. Ilustrar é um trabalho de artesanaria. Os pincéis, as cores são os instrumentos. Trabalhar a ilustração é sempre um desafio, é trabalhar as entrelinhas da imagem. A imagem é entendida como narrativa que vem carregada de significado e não pode estar fechada. Tem de estar aberta. Assim, o trabalho com a imagem tem o objetivo de fazer despertar o olhar, de fazer refletir sobre questões da vida, mas na própria imagem que está ali representada.

5- Jô Oliveira, o que você procura ao realizar seus trabalhos com a ilustração? Qual a função da ilustração nos dias de hoje?

Jô Oliveira- No meu trabalho procuro exprimir a herança ligada às minhas raízes. Quando ilustro um livro tenho em mente o meu papel de divulgador de tudo isto. É uma questão de identidade e de diferenciação, principalmente neste momento em que as expressões culturais tendem a ser descaracterizadas e uniformizadas. Sinto que o mundo caminha para um gosto único, e conseqüentemente todos tendem a consumir aquilo que é ditado pelas mídias. Por essa razão, acredito que seja importante para o ilustrador não se submeter completamente a essa tendência.

6- O que permitiu ao livro com imagens chegar ao nível de sofisticação em que se encontra hoje?

Marilda Castanha- Pensando na parte física do livro, foi o investimento de editores, ilustradores e produtores gráficos. Isso foi determinante para um crescimento singular. De outro lado, a própria necessidade do ilustrador de ser também autor de imagens, autor de um projeto. Nesse sentido, existe por parte dos ilustradores, uma intenção narrativa. Texto e ilustração são dois códigos que vão contar uma história. Nesse momento, a imagem pode redundar, negar ou contradizer o texto verbal. E o ilustrador tem que saber “orquestrar” esses dois códigos.

7- Partindo-se da ideia de que a imagem carrega um discurso, ao pensar a ilustração, vocês levam em conta determinado público ou determinada faixa etária?

Jô Oliveira- Penso no público em geral. Procuro atrair os leitores jovens e adultos da mesma maneira. Sempre valorizando a cultura popular e as coisas do Brasil. Quero dar continuidade às tradições, renovando-as.

Marilda Castanha- Depende muito. Cada projeto tem uma atitude. Cada história atende a um projeto, uma ideia. Mas o importante é não subestimar a criança. Adequar o projeto sem infantilizá-la. Porque um texto, inicialmente feito para criança, também pode ser lido por um adulto. Vejo que muitos livros infantis são também para adultos, porque agradam aos adultos, trazem algum prazer enquanto objetos de arte. O adulto ao ler a história o faz com outros olhos, diferentemente da criança, como se dissesse: “Este livro ilustrado me atende enquanto adulto”. Atende às necessidades do adulto. Mas, antes de tudo, faço um livro para uma pessoa, um ser humano, um livro que trata de questões existenciais: morte, saudade, separação... com poesia. E, em todo esse processo, a imagem tem um peso muito grande. Essa é a grande questão.

8- Qual a sua concepção de criança ao ilustrar um livro? Que critérios são levados em conta?

Marilda Castanha- A minha concepção de criança mudou muito desde que

inicie os meus trabalhos com a ilustração. Antes, havia a tendência de ver a criança como ingênua, inocente. E de ver a infância romanticamente, como uma fase doce e cor-de-rosa da vida. Claro que há poesia e ingenuidade na infância, mas, hoje, já não a vejo só assim. Hoje penso mais em despertar o olhar da criança para o mundo. Fazê-la mais reflexiva. E o contrário também acontece: o pensamento da criança transformando o nosso olhar. Acredito nisso. A literatura tem esse papel de fazer com que a criança, e o leitor de um modo geral “olhe” mais para o outro e a forma como ela pensa tenha mais visibilidade também.

9- Como se dá a relação palavra-imagem em seus livros? O que vem primeiro?

Jô Oliveira- Como ilustrador o meu papel é interpretar o texto. A narração escrita é o motivo principal. Sou coadjuvante do escritor. Procuo reverenciar o texto e ter muito respeito por ele. À medida que vou lendo, vou imaginando e compondo a cena da ilustração. Faço muita pesquisa também. Procuo fontes em que me basear: ilustrações antigas, fotos, retratos, filmes, livros, dicionários ilustrados, catálogos de época e, agora, o maravilhoso Google. A composição da ilustração depende muito dos espaços destinados a ela no livro. Às vezes é apenas uma vinheta, às vezes, são páginas inteiras. Gosto muito de trocar ideias com o autor do texto, saber como ele imaginou a cena. Essas conversas acrescentam muitos detalhes que eu não tinha pensado inicialmente. Algumas vezes eu até proponho aos autores um tema, e as imagens já vão nascendo espontaneamente enquanto conversamos. Quando a história é minha não há como separar. Os dois nascem juntos.

Marilda Castanha- Cada livro nasce de um jeito. Às vezes, a palavra vem primeiro, como em Fases da Lua. Às vezes, a imagem. Mas já quis fazer um livro só de imagem e depois senti a necessidade de inserir o texto. A relação texto-imagem vai sendo construída ao mesmo tempo, no processo.

10- O que você busca em seus trabalhos com a ilustração? Como nasce uma história para crianças?

Marilda Castanha- Ilustração é comunicação. Ilustração é narrativa. Fazer história para as crianças tem algo a ver com resgate, é como revisitar a própria infância. Bartolomeu Campos Queirós dizia: “Eu escrevo para minha criança”. Talvez porque a criança da gente precise daquela história. Uma história pode também nascer do olhar de outras crianças sobre o mundo. Por exemplo, o livro *Fases da Lua* nasceu de anotações de frases de meus filhos, por meio das quais, expressavam como eles entendiam o mundo. Não saberia fazê-lo sem o olhar de meus filhos. É, então, um ponto em que outras infâncias se cruzam. Livros são recortes. Nascem a partir de observações, anotações e pesquisas. Mas também nascem de “espantos” e do desejo de se registrar, de “mexer com as verdades”, como o *Agbalá*, em que fiz bastante pesquisa sobre a cultura afro-brasileira. De modo geral, acredito que uma história venha a nascer de “perguntas e de espantos” que vão em busca dos sentidos da vida.

11- De que forma vocês veem o uso do livro infantil em ambiente escolar? Qual é o papel da escola no incentivo à leitura?

Jô Oliveira- Quanto ao uso do livro infantil na escola, acredito que sempre é possível melhorar. As pesquisas mostram que a escola não tem conseguido formar leitores duradouros, que continuam lendo depois que saem dos bancos escolares. Os professores precisam preservar a experiência estética e lúdica da leitura. O problema é que a escolarização da literatura, muitas vezes, transforma um objeto que foi criado para provocar prazer, numa espécie de tortura, com provas e arguições ameaçadoras. Isso mais afasta as pessoas da literatura do que forma leitores. Mas posso afirmar que o papel da ilustração no processo de alfabetização é muito importante. A criança deveria aprender a ler as imagens impressas antes mesmo de aprender a decifrar o alfabeto. O potencial narrativo das ilustrações permite uma assimilação mais fácil e rápida das histórias.

Marilda Castanha- Aqui vou falar como mãe e como ilustradora. Acompanhando a vida escolar dos meus filhos, vejo ótimos livros sendo “subutilizados”. De modo geral, a escola faz uso do livro de uma forma técnica. Penso que a escola ainda não se apropriou do livro com prazer e ainda não

mergulhou no seu papel de ser uma verdadeira mediadora de literatura. E, aqui, separo o trabalho de leitura, do trabalho de literatura. Venho percebendo que muitas escolas buscam incentivar a leitura, mas não têm a literatura como foco. Acredito que a escola precisa se apropriar da literatura como instrumento para falar de emoções, visões de mundo, trabalho que ainda não vem sendo realizado em sua totalidade- com a leitura das metáforas do texto e das imagens- na formação do leitor literário.

12-Como você definiria o livro ilustrado publicado no Brasil na contemporaneidade? É possível afirmar que existe uma tendência nacional?

Jô Oliveira- O Brasil apresentou nos últimos anos um crescimento enorme na publicação de livro para jovens. Isso se deveu a uma política governamental de aquisição e distribuição de livros em escolas e bibliotecas públicas. A maior característica do nosso livro é a diversidade de estilos. O livro infantil é o primeiro contato das crianças com as artes visuais. E essa diversidade de estilos é essencial para a educação visual e o aprimoramento estético do jovem leitor. Mas sinto falta de uma coisa que a nossa música tem: a cara do Brasil. Não é à toa que a música popular brasileira é a maior expressão da nossa cultura. Admirada e invejada no mundo todo. E se trata de uma música com vários estilos. Ao contrário da nossa música, falta na ilustração o compromisso com as nossas raízes. A diversidade cultural quase não aparece. Sofremos da falta de amor próprio. Somos muito versáteis em assimilar estilos que vêm de fora e pouco nos importa o que nos cerca. É preciso que as nossas imagens sejam o reflexo do nosso povo, da nossa cultura e do nosso País.

Marilda Castanha- Tudo começa com aquela pergunta: “Que tipo de livro você quer fazer? É um livro comercial? É um livro para vender? Ou é um livro que responda às suas perguntas?” Hoje existem livros muito bons. Eu vejo que as escolas trabalham com um número muito maior de livros que em minha época de criança. Livros interessantes. A verdade é que a imagem bem construída, a imagem trabalhada, tecida nas entrelinhas da narrativa

sempre traz novidades. Sempre desperta algo mais, fala mais.

13- Como se dá o processo de apreensão da realidade em suas obras? Como transpor para imagens, os sentimentos, as sensações, as questões culturais?

Jô Oliveira- Por sorte, eu vivi numa região onde os apelos visuais provinham de outras fontes. Apresentações de teatro de bonecos, de pastorinhas, quadrilhas juninas, circos mambembes, bumba meu boi, danças dos caboclinhos, desfile de maracatu, queima de judas e o próprio carnaval popular, todos com suas fantasias coloridas, seus movimentos, suas narrativas e brincadeiras. E também o acesso à literatura de Cordel despertou em mim a paixão pela narração. A presença de todas essas manifestações folclóricas manteve-se constante e eu estou impregnado delas. E isso me permitiu captar imagens indeléveis que até hoje estão claras na minha mente. Acho que a principal função da ilustração, no meu caso, é divulgar a cultura popular que assimilei in loco durante a minha infância.

Marilda Castanha- Não é tarefa fácil. E aí entram as metáforas, os recursos e elementos visuais, o estilo, tudo isso que vai tentar traduzir o que se pensa ou sente. No meu caso, o processo de apreensão da realidade depende muito do momento pelo qual estou passando, depende muito da atitude que tenho diante da obra.

14- Gostaria que vocês falassem sobre as técnicas que vêm utilizando em seus trabalhos. O que determina o material, o estilo, as cores, as texturas, a linguagem poética... a serem usados em suas ilustrações?

Jô Oliveira- Estudei artes gráficas em duas escolas, na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro e na Escola Superior de Artes Industriais em Budapeste, Hungria. O meu estilo é baseado na xilogravura popular brasileira. Também procurei estudar imagens de diferentes culturas e épocas. Assim construí um estilo que reverencia a cultura popular ocidental de diversos países, mas que tem como ponto principal as capas do cordel nordestino. Continuo desenhando tudo à mão, uso papel, pincel, canetas, o colorido é feito com aquarela e lápis de cor. Uma das características da minha ilustração é o desenho bem delineado. Para isso faço os contornos escuros com tinta nan-

quim e tinta acrílica. Prefiro as cores primárias. Meu desenho é muito colorido. Acho que isso reflete a alma brasileira. Ainda não uso o computador para desenhar. Confesso que não sinto falta. Gosto muito de trabalhar à mão livre. Acho que para o ilustrador o desenho é a base de tudo.

Marilda Castanha- Os elementos visuais são recursos de que uso para contar uma história. Eu sempre faço uma associação com as notas musicais. Da mesma forma que o músico necessita das notas musicais para compor a sua música, o ilustrador necessita da luz, da cor, do volume, da transparência, das texturas... E é combinando todos esses códigos que eu vou fazendo a minha música, que é o desenho. Em determinado momento, eu posso usar somente três cores e elas serão totalmente significativas. Cada projeto vai pedindo uma atitude diferente. Há livros que não necessitam de toda paleta de cores. E aí, a ausência vai ser também presença. *Pindorama*, por exemplo, um livro que trata da cultura indígena, aquela paleta colorida, aquele tanto de cor, o uso das cores tropicais, do amarelo, do verde, do tom de terra, de cores quentes, apresenta uma atitude diferente daquela que pode ser percebida em *O Delírio*. São atitudes diferentes que visam atender a projetos diferentes. Para dar visibilidade a uma ideia. *O Ops* é um livro para bebês, logo, já pede outra atitude. O leitor atento também vai sendo capaz de perceber isso. Ao longo dos trabalhos e observações, fui notando também que a técnica de um artista nasce, em grande parte, da “falta”. Nenhum artista, por melhor que seja, consegue dominar tudo. Cada artista vai desenvolvendo as habilidades que já possui e que irão suprir outras faltas, outras necessidades.

15- A ilustração do próprio texto e a ilustração do texto de outro autor: são processos muito diferentes? Em que diferem?

Jô Oliveira- Não são muito diferentes. A partir do momento que decido ilustrar algum tema, seja meu ou de outro autor, sobrevém muito trabalho, muita pesquisa, muito ensaio e erro. Quanto aos textos de outros autores a única diferença é que posso contar com a colaboração de outro olhar.

Marilda Castanha- São processos diferentes. A ilustração de um texto de outro autor é mais fácil na medida em que o texto verbal, uma das linguagens, já se encontra pronto, sendo necessário apenas buscar a visão, o olhar do ilustrador. Quando o autor é também o ilustrador da obra, ele é o responsável pela construção de duas linguagens ao mesmo tempo. A obra talvez exija mais do ilustrador. E o ilustrador parece estar em processo de criação

o tempo todo. Mas é um desafio sempre prazeroso.

16- Daqui a alguns anos, como vocês imaginam o livro para o pequeno leitor?

Jô Oliveira- Acredito, com muito pesar, que o livro infantil deixará brevemente de existir. Pelo menos como o conhecemos hoje. O tablet e o celular são muito versáteis. Essa identidade que existe entre esses suportes e o leitor jovem é insuperável. As novas tecnologias são muito atraentes e oferecem muitos recursos, como maior interatividade, por exemplo. O leitor de um e-book pode interferir na narrativa, alterá-la, alternar páginas de ilustração e informação por meio do hipertexto. Mas não devemos lamentar, pois o que interessa é o conteúdo. O livro já foi de pedra, de cerâmica, de papiro, de couro de carneiro e nos últimos 560 anos, de papel. Sempre houve uma evolução. E isso está acontecendo mais uma vez, agora. Entretanto, é importante lembrar que as habilidades, as competências e os processos cognitivos básicos necessários para a compreensão de um texto são os mesmos em qualquer suporte.

Marilda Castanha- Eu imagino algo nos livros que já está acontecendo hoje, mas ainda de forma tímida: que ele seja espaço, cada vez maior para “os antônimos”. O texto deverá privilegiar os contrários, as diferenças, por uma necessidade ética. A literatura tem esse papel de fazer despertar a consciência.

17- Como interferem na produção artística os novos programas educacionais ou temas transversais?

Jô Oliveira- Num certo sentido, o Ministério da Educação pauta a produção cultural para crianças. As editoras preferem publicar livros que tenham chance de ser adquiridos pelos programas oficiais. Desde que o MEC colocou nos programas educacionais os temas sobre indígenas e afro-brasileiros, houve uma corrida para produzir livros que atendessem a essa demanda. Mas para os autores e ilustradores é preciso um processo de identificação com o tema, nem sempre fácil e imediato, para que surja um texto verdadeiro, emocionante. Alguns autores não têm dificuldade em produzir sob “encomenda”, mas outros preferem temas que sejam expressão

mais íntima. Tudo depende de saber se colocar no lugar do outro para falar em nome de outras culturas.

Marilda Castanha- Por meio desses programas, o Governo vem a privilegiar a compra de livros que tratam de temáticas específicas, como exemplo, a temática indígena, folclore, cultura popular. As editoras, de modo geral, restringem-se a esses temas e passam a encomendar obras, buscar textos com autores que possam discutir tais temáticas. Às vezes acho que isso é um fator que restringe, e, muitas vezes, inibe ideias que não têm este perfil. Reconheço que são temas importantes, mas não devem ser apenas este o foco das editoras.

18- Jô Oliveira, como você vê o papel do Estado no incentivo à leitura?

Jô Oliveira- É papel primordial do Estado o incentivo à leitura. Sem a conquista da habilidade de ler e interpretar um texto as pessoas não alcançam a plenitude da sua cidadania. O Estado deveria investir muitas vezes mais nas escolas, nas bibliotecas escolares, na formação de professores leitores e formadores de leitores. Todo mundo reconhece que o Japão e a Coreia do Sul só estão, hoje, ocupando um lugar de destaque no mundo, porque o ensino passou a ser muito valorizado. Por meio da leitura e de um ensino para a cidadania, o Brasil superaria este vergonhoso patamar de subdesenvolvimento. Num país tão desigual, quanto ao poder aquisitivo, o Estado tem obrigação de proporcionar acesso ao livro.

19- O início e o término. Marilda Castanha, de onde vem a motivação que dá origem ao seu trabalho, à ilustração? Qual o sentimento ao concluir um projeto?

Marilda Castanha- O fato de ter em mente que “o livro que quero fazer ainda não fiz”, sempre me desafia. É um fator que me motiva. É um desafio bom. Ao terminar uma obra, sinto-me preenchida, com a sensação de missão cumprida e já quero fazer a próxima. O Nelson (Cruz), meu marido, costuma dizer: “Todos os livros já foram feitos. Menos um: o próximo.” E eu vejo que as ideias para um novo livro vão nascendo à medida que proponho a mim mesma pensar nelas: pode ser lendo uma obra ou mesmo prestando mais atenção à vida. Tudo possibilita novas ideias quando se tem o olhar atento. Sempre há alguma coisa para contar. Às vezes no próprio prazer de fazer uma história já se encontra presente uma nova ideia. Por exemplo, o livro que estou terminando agora nasceu da vontade que eu tinha de desenhar

árvores com a liberdade que tive no livro *Pindorama, terra das Palmeiras*. Posso até dizer que o livro que estou finalizando nasceu por que um dia eu fiz o Pindorama, e ele é um “filhote” do *Pindorama*...

20- O que é ilustrar para crianças, Jô Oliveira? O que o motiva a ilustrar para crianças?

Jô Oliveira- É criar a oportunidade para que as crianças tenham experiências estéticas muito cedo e se sintam atraídas para a leitura de maneira prazerosa. É como abrir portas para novos horizontes, novos interesses, novos temas, novas informações, novas emoções e sentimentos.



Figura 3

pajé e Pindorama.

Em meu trabalho procuro levar para os leitores aquilo de que eu gosto, meus temas de interesse. Já illustrei *Alice*, *Pinóquio*, *Gato de Botas*, cinco peças de Shakespeare, contos de Cervantes, vários escritores brasileiros e muito cordéis. Quero muito ilustrar *O mágico de Oz* e *Peter Pan*. Adoraria ilustrar mais algumas peças de Shakespeare e também vários cordéis clássicos. Gosto muito de temas históricos, biografias, lendas indígenas e contos folclóricos.

21- Marilda Castanha, gostaria que você falasse sobre sua parceria com Daniel Munduruku e sobre as técnicas e imagens utilizadas para compor seus trabalhos: *Karu Taru, o pequeno*

Marilda Castanha- O Daniel tem um jeito de contar história que é ancestral e eu admiro isso. Mas foi um trabalho que exigiu de minha parte muita pesquisa. Tive de pesquisar traços e objetos. Um trabalho de descoberta porque falar de uma cultura diferente para crianças e crianças que possuem outro olhar para as coisas é sempre um desafio.

22- Jô Oliveira, de que maneira sua experiência com o universo dos quadrinhos interfere nas técnicas para a composição do livro ilustrado para o público infantil?

Jô Oliveira- A linguagem dos quadrinhos sempre me estimulou para a leitura. Acredito que nos quadrinhos esteja a mais perfeita integração de dois tipos de narrativa, a da escrita e a da imagem. Graças a este casamento

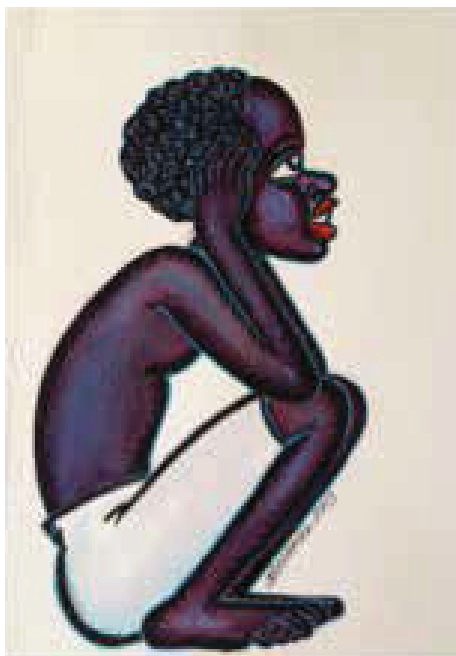


Figura 4

imagem/texto o leitor chega espontaneamente, sem esforço algum, sem ajuda de ninguém, a entender a mensagem e a curtir a história. Além disso, a competência leitora se desenvolve de forma mais rápida e natural. Lamento que até hoje não haja uma política de apoio aos quadrinhos. Seria um enorme incentivo à leitura. As crianças procuram os quadrinhos naturalmente. Ninguém manda que eles leiam os gibis. As crianças amam a narrativa visual. Alguns países publicam quadrinhos em formato de livro para que as crianças já se aproximem do objeto que veicula textos literários mais complexos. Não há uma hierarquia que coloque os quadrinhos em segundo lugar. Não é uma maneira

inteligente de encaminhar os jovens para a leitura?

Figura 1- Imagem cedida por Marilda Castanha para o livro Pindorama, terra das Palmeiras – editora Cosac Naif.

Figura 2- Imagem cedida por Jô Oliveira.

Figura 3- Imagem cedida por Marilda Castanha para o livro Karu Taru, o pequeno pajé- Editora Edelbra.

Figura 4- Imagem cedida por Jô Oliveira.